

LISBOA
15-JANEIRO-1920
ANO I-N.º 8

O RISO D'A VITÓRIA

DIRECTORES
JORGE BARRADAS
HENRIQUE ROLDÃO

1920



ANO NOVO

O RISO D'A VITÓRIA

QUINZENÁRIO HUMORÍSTICO

COMPOSIÇÃO: RUA ANCHIETA, 31
IMPRESSÃO: RUA DO SÉCULO, 43
NÚMERO AVULSO 5 CENTAVOS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA ANCHIETA, 31
PROPRIEDADE DE «A VITÓRIA» LIMITADA

ANÚNCIOS: CONTRACTO ESPECIAL
TELEFONE-C: REDACÇÃO 5104
ADMINISTRAÇÃO: 5103

FATAL DILEMA

Aparece hoje o *Riso da Vitória*, modificado e com bastante atrazo. Embora isso peze aos que nos chamam burros, a culpa não é nossa. Do primeiro têm culpa os que tornam tudo mais caro. Como todos sabem, há quem afirme que não há papel e que por essa razão é absolutamente necessário aumentar o preço do que existe. É uma forma de fazer negócio como outra qualquer.

De sorte que o papel em que até aqui imprimíamos o nosso jornal está por um preço que só os novos ricos o podem usar. Se cada folha nos ficava por 45, nós que vendemos o jornal a 40 réis e que ainda tínhamos as gravuras, composição, impressão e redacção a pagar, ou aumentávamos o preço para o dobro ou deixávamo-nos disto.

Por outro lado, todos os outros trabalhos estão em constante aumento de preço, de maneira que o caminho que deliberamos seguir foi este: tirar a cõr e contentarmo-nos com o papel que há.

A solução de aumentar o preço não nos seduzia. Em alguma coisa havemos de ser diferentes dos outros; e como a amizade que o público nos tem dispensado é para nós uma garantia, sai hoje assim o *Riso da Vitória* com as mesmas promessas de alegrias que anunciou no seu número um e que tem sabido cumprir.

E aos que queiram dizer que não correspondemos aos cinco centavos que dão por nós, diremos como Jesus naquela passagem da mulher adúltera:

— «O que estiver sem culpa que nos atire a primeira pedra...»

O FIM DO MUNDO

Estava anunciado para o mês passado, mas ainda não sobe a scena; não é por falta de ensaios. Não deve, porém, fazer-se esperar. De resto, já estamos acostumados a que nos falte tudo e a ver acabar-se tudo; só faltava agora mais esta para completar a lista. Estava anunciada para um dia, mas quando contávamos acordar já no outro mundo, acordamos ainda neste. Deitamo-nos na esperança de acordar ao som da trombeta (melhor, neste século de progresso, ao som da campainha eléctrica) de Jericó, mas afinal, madrugamos ao som das trombetas dum esquadrão da Guarda Republicana, que nos passava na rua.

Uma decepção. Melhor, contudo, que acordar ao som das manifestações dalguma nova D. Bernarda. Confessamos, porém, que nos deitamos um pouco preocupados, sem saber para onde seguir no dia seguinte, se o mundo se tivesse acabado. Sempre na expectativa de que o senhorio nos mande evacuar as habitações, sem a gente ter vontade, sempre apreensivos com a falta de casas, ainda, para mais, agora a ameaça constante da falta de um mundo em que se viva. É um século impossível de falta de tudo.

Também se o Padre Eterno der isto para obras e intentar despejo, não admira. Isto lá tem caruncho

por todos os lados, e não vai lá com uma pintura na fachada.

Depois, éle tem razão, nós somos uns inquilinos muito irrequeitos e não lhe conservamos a propriedade, que lhe deu tanto trabalho a arranjar. E, emfim, uma violência justa e que se compreende da parte d'ele, porque também pela lei actual éle não tinha outro meio de nos pôr no ôlho da rua, neste caso no ôlho do firmamento.

E parece que o sol, que nos aquece, também não está muito cristão; ou são questões com os fornecedores ou é da falta de carvão, o que se sabe é que aparece às vezes cheio de nodos negros; emfim, anda lá de noite não se sabe por onde, depois aparece naquêlo bonito estado. Ainda há pouco tempo se apresentou com uma equinose no frontespício e explicou-se a coisa com um eclipse.

Mas passou quasi despercebido, porque o eclipse não era visto a ôlho nu e, como os fatos estão caríssimos, muita gente não ligou importância.

Depois o bolchevismo, parece estar entre os planetas e o sol é acusado de amarelado. A coisa ainda dá que falar.

Mas ainda o peor de tudo é o fim do mundo; onde é que se vai agora alugar ou sublocar um que nos sirva; a família humana é cada vez mais exigente e numero-a:

depois o firmamento está cheio, na via lactea pediam, com certeza, trespasses fabulosos.

Emfim, o remédio é a resignação, e se o mundo acabar aí ficamos nós numa paragem do espaço.

alguns séculos á espera que passe um cometa que traga lugar e, emfim, do mal o menos, sempre será melhor que esperar um eléctrico.

AUGUSTO CUNHA.

ESCAVAÇÕES SCIENTÍFICAS

PELO DOUTOR AMPOLA

O AZEITE

O azeite é uma substancia feita de óleo que serve para deitar no bacalhau, nas fechaduras e no peixe frito.

A sua forma é oleosa e escorregadia, tendo a propriedade de se arredondar quando cai sobre o fato.

A sua cõr varia conforme o preço, havendo amarelo-canário para oito mil réis o litro e preto-graxa para dois escudos.

Acêrca da sua origem podemos dizer o seguinte:

O azeite é feito com azeitonas, mas também o há executado nos animatógrafos e sítios de apertões.

Para fazer azeite artificial basta a gente apertar muito, mas para o obter por meio de azeitonas é mais difficil, pois é raro encontrar alguém que perceba de um lagar de azeite.

Há também o azeite de purgueira que serve para purgar as terras, e o azeite doce que é raro, devido á falta de açúcar.

Alguns sábios afirmam que o azeite não é um óleo mas sim um ácido e daí a sua acidez, mas numa espécie (hoje muito rara), denominada *azette-virgem* e que ninguém usa dos quinze anos em diante, esse predado é muito proveitoso para lamparinas.

As corujas fazem por vezes banquetes com azeite, mas como este é vendido muito falsificado, acontece que os pobres animais ficam a tossir durante muito tempo, chegando alguns a ver uma bruxa com as aflicções.

O aparelho onde se guarda o azeite chama-se *galheta*, e costuma dar-se na cara de quem nos falte ao respeito ou nos pisa um pé.

Ultimamente os fabricantes descobriam uma nova espécie de azeite que lhes tem dado grandes lucros. É essa espécie chamada *azette de palma*, muito usado nas claques dos teatros e com que se tem feito grandes fortunas empregando-o como o nome indica.



Os amores de Pierrot

(Episódio)

Pierrot namorava Colombina (isto é mais velho do que a St. de Braga) E cantava canções que era uma praga Junto á janella da infeliz menina.

De certa vez á hora vespertina, Quando Cupido os peltos mais afaga, Ela inclinou a cabecita magra E éle osculou-lhe a boça pequenina.

Mas o pai dela que os ouvia, por geito, Vem de lá com tamanha arremetida Que deixa o no-so heroi quasi desleito;

E foi então que, de alma conturbada, Pierrot desferiu um «dô de peito» Como outro não soltou em sua vida.

ED. BRAMÃO DE ALMEIDA.

Concurso de caricaturas

No próximo número abrirá o *Riso da Vitória* um concurso de caricaturas.

Os desenhos que nos forem entregues e que estejam em condições, serão publicados no nosso jornal, havendo além disso três prémios em dinheiro para os melhores classificados.



NO MESMO ESTILO



VII

EDUARDO SCHWALBACH

SCENA XII
DA REVISTA

HIPOCRÍSIAS DO JUÍZO

MODÉSTIA

Pobre de mim! Todos amam a
Valdade!

VAIDADE

Pobre Modéstia! Todo o mundo
me quer!

O BRIO

Que vejo!? A Modéstia e a Val-
dade!?

A HONRA

Vou esconder-me num canto.

A TOLICE

Ah! Ah! A Valdade e a Modés-
tia! Ah! Ah! a Honra não tem
Brio!

O PERCONCEITO

Então, haja decência! Está aqui
gente de fóra! (Valsa da Mentira
com coro de andorinhas).

A AUDÁCIA

Insensatos! Nas páginas da nossa
história está gravada a letras de
oiro a audácia da gente portugue-
sa! Oh! Mulheres de Portugal!

(a scena transforma-se para a
batalha de Valverde).

NUNO ÁLVARES PEREIRA

A mim portugueses! Por São
Tiago!

(a scena transforma-se na bata-
lha do Salado).

D. AFONSO IV

Peito de portugueses! Àvante!

(a scena representa a batalha
de Aljubarrota).

O MESTRE DE AVIS

Sangue de Portugueses! À bata-
lha!

(a scena transforma-se nas três
batalhas no mesmo tempo).

GIL VICENTE

Onde deixaste a boiada
E as vacas, Mofina Mendes...

Uma figura de branco, pode ser a
História, a Fama, a Pátria, a Raça
ou outra qualquer, vem á frente e
durante uma hora fala em sangue
lusitano, descobertas, alabardas, con-
quistas, caravelas, pendões e chagas
de Cristo. Toca a orchestra e apa-
rece a apoteose á Primavera.

O SARCASMO

Ah! Ah! Ah!

Tem talento e é modesto. Podia, se qui-
zesse, atrair com alguns ídolos a terra. Se
rapasse as barbas brancas ficava um rapaz.
Farto de fazer a História de Portugal faz a
História da Carochinha...



O RISO DA VITÓRIA LIÇÕES DE HISTÓRIA

por ANDRÉ GODIM.

A TOMADA DE SANTARÉM AOS MOUROS

Naquele tempo ainda o palácio
das Necessidades era em Guimar-
rões e D. Afonso Henriques um
menor de vinte e nove anos. Já D.
Tereza tinha apanhado um encon-
tro em S. Mamede e Egas Moniz
não tinha pedido ainda ao sr. Jaí-
me Cortezão para o meter no tea-
tro.

Um dia um polleia da Segurança
do Estado foi ter com o rei e dis-
se-lhe:

—Senhor! A moirama está a pe-
dir poucas! Em Santarém os mou-
ros ás ordens do Kalifa Homeleth-
Oh-Rhumb sacrificaram alguns cris-
tãos na flor da idade! Justiça! Se-
nhor! Justiça!

Afonso Henriques levou as mãos
á caneca da adaga e siciou:

—Pela minha espada! Juro pela
minha boa sorte que esses infelizes
vão para os anginhos! Agora é que
eles vão ver o maloma!

Logo por todos os cantos se gri-
tou ás armas e dentro em seis se-
manas um grande exército de bes-
teiros, homens de armas (que já os
havia) peões e monas se pizeram a
rodar pelas montanhas abaixo.

A frente, tocando charamelas de
platina, os pretos da procissão de
S. Jorge, abriam a marcha logo se-
guidos por almadragues, gibões e
gargantilhas.

Chegados ao Cartaxo mandou el-
rei acampar e erguer a sua tenda
real. (D. Afonso Henriques apro-
veitava todos os momentos para
fazer negócio).

Enquanto se preparava o assalto
organizaram-se torneios entre os
primeiros fidalgos, e era de ver os
saltos á vara entre as paliçadas e
os brilhos das armaduras.

Ora aconteceu num desses tor-
neios vários cavaleiros que tinham
ido a pé até Reguengos trazerem
á presença do primeiro rei de Por-
tugal um mouro espíto e germa-
nófilo que se tinha introduzido no
acampamento.

D. Afonso mandou dar ao mou-
ro oito milhões de bastonadas por
castigo de não ser cristão e depois
interrogou-o:

—Dize-me infiel! És de Santa-
rém?

—Mahomél gaguejou o mouro a
bater o queixo.

—Diz que és!—traduziu um fi-
dalgo que tinha estado no Máximo.
E mouros?—perguntou o rei.

—Allá!

—Então se há lá vamos a eles!—
e dando um pataco ao sarraceno
deu ordem de marcha ao assalto.

A's seis horas e trinta desse dia
pelas encostas dos montes os luzi-
tanos principiaram a assaltar a
cidade.

Espadas, alabardas, montantes e
catapultas cruzavam incessantemen-
te caindo sobre Santarém.

Os mouros que também eram te-
ses portaram-se como uns homens
e o Kalifa que já tinha estado na
Rotunda, mandou fechar as portas

de Sol e resistiu como qualquer
Machado dos Santos.

Vendo D. Afonso Henriques que
só com um ardil podia tomar rápi-
damente a cidade, deu uma ordem
e á uma, como quem quer entrar
para um carro eléctrico, toda a sua
gente se precipitou contra a cidade
gritando: São Tiago! São Tiago!

Foi um Monsanto! Os mouros
largando as armas corriam gritan-
do á da guarda! O Kalifa foi o pri-
meiro a perder o sangue frio e a
fugir para Marrocos! Emfim ac-
cabo de meia hora Santarém era
dos portugueses!

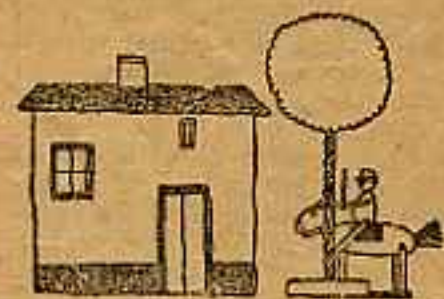
Durante três dias houve fogo de
vistas, bado, quermesse e brinque-
dos ás crianças! D. Afonso Hen-
riques não cabia em si de contente
e uma bela tarde quando ele com
um fidalgo tomava um vermouth an-
tes de jantar, perguntou o fidalgo:

—Senhor! Não me dizeis porque
tão de pronto caiu a cidade!

—O' filho,—disse Afonso Hen-
riques—foi um truco!

—Um truco?

—Sim Pero Camoes de Sousa!
Não viste que mandei gritar São
Tiago! São Tiago? Era para os in-
felizes julgarem que eu os queria
agraciar com a comenda!



POSTA RESTANTE

CONDE ARTOF —Agradecemos
muito a homenagem, mas como de-
ve concordar, o público não quer
saber dessas coisas.

JOSE ALVES —Não tem graça
nenhuma.

JOÃO MARRETA —Porque é
que você não vai fazer fretes?

BRAMÃO DE ALMEIDA —Sem-
pre uma casa ás ordens, e os nos-
sos agradecimentos.

MÁRIO XIMENES —Não está na
indole do Riso.

TRANSCRIÇÃO

Novamente a Gazeta da
Figueira nos honrou com a
transcrição dum artigo. Os
nossos agradecimentos.

CRONICA

Nesta terra ninguém pode ver uma camisa lavada ao visinho.

D. José, voltando um destes dias a cara para os lados da rua Augusta, enxergou através do Arco que no Rossio se levantavam as pedras da calçada. E' contra os agambaradores, pensou. No dia seguinte tornou a espreitar e viu árvores derrubadas. E' outro terremoto pensou ainda, e debruçando-se para o medalhão disse: O Pombal vai fratar dos vivos e enterrar os mortos. O marquês obedeceu e alta noite, num carro da Cruz Vermelha subiu a rua do Ouro e, munido de uma lanterna esquadrinhou a praça.

— Quem vem lá? gritou D. Pedro que anda desconfiadissimo com os vereadores.

— Sou eu, Majestade, voltou o ministro de D. José, e venho aqui por ordem de meu amo e senhor socorrer as vítimas da catástrofe, como já o fiz em 1755.

D. Pedro, intrigadissimo, não acreditou.

— Bem te conheço: és o Paiva e Pona disfarçado. Ou te vais embora ou chamo o guarda nocturno.

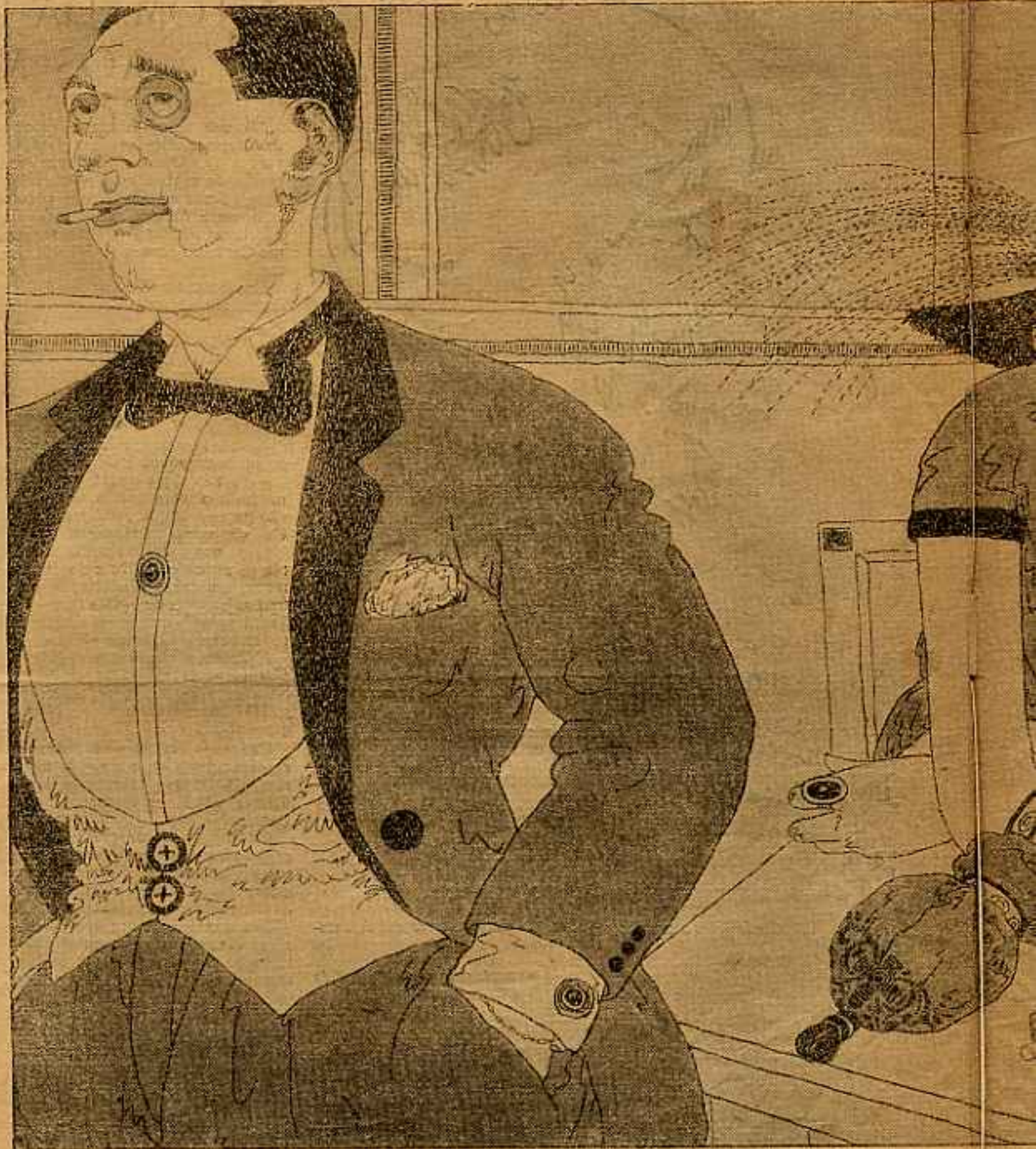
— Real Senhor! Insistiu o ex-estadista — sou eu o marquês — e depois de trocarem senhas e contrasenhias do protocolo das monarquias, caíram nos braços um do outro e D. Pedro contou-lhe tudo. O velho Pombal ouviu, ouviu e por fim pondo a luneta e fitando o rei soldado disse com aquela energia que ainda hoje é de bronze: «Ou todos comem ou há moralidade!» E foi-se em direcção ao Terreiro do Paço, levar a el-rei novas do Rossio. Pasmoou D. José do que ouvia e mais ainda do que lhe sugeria o seu presidente de conselho.

D. Pedro era Quarto mas D. José era Primeiro.

Se um tinha uma carta, outro tinha um cavalo e quanto a posição social, tanto fazia estar no Rossio como no Terreiro do Paço.

O rei concordava, mas se o marquês se metesse nisso eram capazes de o julgar sidonista e fundiam-no em viúvas... Por fim a teimosia venceu os últimos receios e o ministro, como simples particular, mascarado de dono do Café Martinho da Arreda foi até à Câmara onde expôs o seu projecto dizendo — para disfarçar — que se tratava de fundar um grande casino no ministério da instrução e portanto seria necessário modernizar a Praça do Comércio.

O projecto — para nós não há segredos — é o seguinte: «Deitar abaixo os ministérios e construir chalets. Acabar com o cais e fazer uma praia de banhos. Deitar outra vez logo as encomendas postais para ver se pega á Alfândega, fazendo-se depois uma pista para as bicicletas. O arco da rua Augusta pode ficar, com a condição de lhe porem umas cancelas ou portões por causa dos assaltos. A estátua fica, mas como é muito equestre para os tempos actuais, modernizar-se há substituir



— Este rapaz tem um futuro
— Que é elle?
— E' pagador numa casa d

tuindo o cavalo por um automóvel que para se diferenciar dos do Estado levará as seguintes letras: P. A. M. — o que quer dizer: Para a monarquia...

A Câmara prometeu estudar o projecto pombalino, que sem desprimor, não fica atrás do Paivano e do Totano.

Sonhamos que uma casa da bai-

xa vendeu há dias um casaco de senhora por oito contos de réis, e ainda hoje estamos pagos da surpresa! Na verdade oito contos por um casaco é coisa que se nos afigura algo assim como que uma monomania de perseguição ou paralisia encefálica. Pois quê? Há alguém de senso comum que vendo a peseta a \$70, o dolar a três mil réis, as cédulas de tostão sem número gaste a bonita quantia

de oito contos num simples abafó? Parece que sim e isso leva-nos entre outras coisas a pensar que ou a senhora em questão é muito feia e precisa de oito contos de réis para parecer mais bonita ou aquilo foi megalomania aguda que lhe passou pela cabeça!

Daqui a dois meses o casaco, fora de moda dormirá num guarda vestidos, ou, o que é mais prová-

O TEMPO...



um futuro muito bonito:

na casa de jogo!

vel, andará por aí pelas casas das contrabandistas para ser vendido em segundo corpo, e a fantasista que deu por ele os oito contos apenas terá como compensação a presença da factura que se há-de parecer com uma cautela de penhores que já tivesse fora do juro pago.

Capricho? Irral! Um capricho de oito contos entende-se com um casaco que já traga nma senhora dentro, mas a sêco, tirado do ma-

nequim e pôsto em casa da freguesia é demasiado!

E daí está a parecer-nos que em volta do prego deve andar por força qualquer negócio de bacalhau podre e então até é caso para agradecermos à feliz possuidora aquele sapapo na burra do dadivante...

Vai aumentar o tabaco. Mas devemos explicar por causa das con-

dições que não é de tamanho nem de qualidade.

E' de preço.

A Companhia que já estava muito atrapalhada porque os direitos do tabaco estrangeiro não chegavam, deliberou fazer esta gracinha.

Dizem os que não fumam que o tabaco é um vício e por essa razão bom é que lhe aumentem o preço.

E a batota não é também um vício?

CRONICA

E no entanto as casas de jogo aumentam de tal maneira que nós qualquer dia estamos condenados a vir dormir para a rua porque a casa foi alugada para um Club.

O tabaco é a distração, a vida desfeita em fumo, a ilusão que se evola, como dizem os poetas!

O seu aumento representa um suplicio a mais para os que não tem dinheiro para outras distrações!

Vai aumentar o preço... pois que remédio... andaremos de beatas e assim nos equiparamos aos frequentadores das célebres missas do Loreto!

E daí quem sabe? Talvez que a Companhia aumentando o preço aumente também a hortaliça dentro do tabaco e se ganhe alguma coisa na troca.

O governo acaba de fazer um decreto sobre a importação do luxo. Ahamos bem. Para que diabo são



precisas tantas sedas e veludos, essências e sabonetes? Não temos nós a chita do Porto e o sabão azul e branco? Ahamos bem, repetimos! E' um pavor esses brilhantes, esses setins que para aí andam em sinfonia patética por essas ruas, essas meias de seda que são a alibi das esposas honestas e o fetiche da sensibilidade dos homens! Muito bem, seu governo! Muito em!

Mas porque não estende o governo o decreto até mais além?

Sim; porque não engloba na mesma lei, essas francesas que por aí passeiam, com grave prejuizo da lingua portuguesa já tão chela de galicismos? Aquilo também é artigo de luxo! E do carol! Pois taxem o governo, que talvez depois de taxadas a gente consiga uma redução...

RESSURREIÇÃO

Teve para nós palavras de grande amizade e camaradagem a revista de arte "Ressurreição", que Gomes Ferreira e H. Pelágio dirigem com muita inteligência. Um grande abraço de agradecimento aos bons amigos.

O RISO DOS OUTROS



— Parece impossível! Não tem vergonha de bater na dama de companhia?

— Não ficou combinado que a trataríamos como se fosse da família?

(Do Simplicíssimo)

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

«MONTMARTRE»
OU
«CALINHA DE CAMPO
NÃO QUERE CAPOEIRA»

Para os que a não viram aí vai a descrição da peça:

O primeiro acto passa-se á porta dum animatógrafo e é por isso que a scena é tão escura.

Uma grande porção de Severas passeia e bebe água, quando surge uma grande malta de *plúncas* com cada chapéu alto e cada casaca que nós até ficamos leprosos.

Aparece o senhor Erico (não se leia E'-rico porque não é) e diz para o senhor Rafael Marques (que vem com umas barbas em forma de gravata e uma gravata em forma de barbas) que anda com uma grande dor.

O senhor Rafael diz-lhe que aqui, talvez seja da manga do casaco e n'isto entra a D. Palmira com um chapéu d'limpa-vias, muito alegre e tão loura que até parece uma libra de cavalinho! Há para ali uma scena entre o senhor Erico e a D. Palmira que ninguém tem nada com isso e o senhor Augusto Mele, numa tirada empolgante raspa-se fumando o charuto.

O senhor Rafael Marques continua fazendo uma sindicância ás se-

nhoras presentes e aos chapéus altos dos passeantes e a D. Palmira volta-se para o urdimento e diz:

— Adeus Montmartre! Adeus!

Não podemos saber se elle respondeu porque o pano caiu nessa altura.

O segundo acto passa-se num jantar.

Pelos vistos a D. Palmira e o senhor Erico são frugivoros porque não comem senão fruta. A D. Palmira, começa dizendo que abafa ali dentro, que não pode respirar, esquecendo-se que o mais pratico era abrir a janela, e entra a D. Ilda que vem concertar umas pífias para o piano de Beethoven. O senhor Erico vai para a officina e a D. Palmira que também faz a sua perninha á batota, propõe uma partida de monte á D. Ilda que chora e se vai, entrando então duas Severas que fazem jogo. O senhor Erico aparece e salta nas damas, saindo elas com porta. Vem o senhor Rafael Marques, larga um discurso a 180 kilometros á hora e desafia a D. Palmira para ir ao Club. O senhor Erico espanta-se e a D. Palmira sai completamente, enquanto o senhor Erico chora, que para isso é que elle ali está.

No terceiro acto a D. Palmira aparece virada do avesso, e como padece de falta de ar, continua a dizer que abafa e que não respira. Então o senhor Erico, que vem de casaca, foge com ella e o senhor Calazans chama-lhe nomes feios, ao que todos acham muita piada.

No quarto acto já se passaram uma data de anos. Aparecem as mesmas Severas e os chapéus altos ainda são os mesmos. A D. Palmira melou obras e vem agora com o cabelo encarnado e já fuma que nem um homem. O senhor Erico que continua a chorar, diz-lhe coisas e o senhor Rafael Marques não lhe diz nada porque o papel é pequeno.

Então a D. Palmira puxa dum faldistola, diz ao senhor Erico que aquêle agora é que é o gerente, e o pano cai, não apanhando, infelizmente, nenhum figurante.

NO GIMNASIO: «NINHO DE AGUIAS» OU «A QUADRI-LHA DOS FALSIFICADORES DE LETRAS».

Em casa do senhor Barros (novorico endinheirado com a venda de lenha de flandres) há uma valente *soirée*. Enquanto o senhor Seixas Pereira (que se não é, parece) fica encarregado de arrelhar a D. Perri, o Samwel Dinis que tem um tipo muito fino e uma casaca toda tocada a canela, farta-se de dizer coisas difficeis e o Judicibus, que é general, pede-lhe explicações. O Samwel diz que não dá porque é muito forreta e então a Viscondessa de São Mota, muito loura e fria, diz que tem uma *barrega* nos Olivais.

Nesta altura saem todos porque é preciso que entrem outras pessoas e o Robles Monteiro agarra-se in-

decentemente a uma menina toda pintada de branco que quando fala parece que está a dançar o maxixe. Como vem gente, os dois muito agarrados vão lá para dentro jogar á sardinha e o Dinis que ainda traz a casaca da mesma cor, diz á Viscondessa de São Mota que o Robles e ella falsificaram notas do Banco, e ella então, como elle diz isto á bruta, diz-lhe para ir tomar chá aos Olivais.

O pano cai e todos gritam: Selvagem! Selvagem! e quando nós pensamos que vai entrar algum antropologo de peúas na cabeça, entra um capitão á paisana que sorri, curva a cabeça e retira em boa ordem.

O segundo acto passa-se fora de portas e a D. Julieta diz que veio a cavallo. (E' mentira, nós estive-mos lá dentro e só vimos burros). O Robles diz á D. Lucinda que é mãe dele (esta senhora tem muita familia), que se quer dedicar a escriptor, a homem de letras, e como não tinha talento para as fazer, falsificou-as. A D. Lucinda zanga-se, diz que elle teve um avô que também teve esta mania quando a libra estava ao par, e elle então pede-lhe quarenta contos!

Nova zaragata, e então o Robles, que pelos modos está sem viútem apesar de ter sido o em-pregario de verão, diz que vai re-bentar com o mealheiro da D. Julieta. A D. Lucinda desata a chorar que nem um foguete de lágrimas e o Robles pega numa pistola, mete-a ao bolso, e quando está a pensar em cometer o auto-assassinato aparece a D. Julieta em trajes menores que diz que elle é um cavaleiro. O Robles confessa clinicamente que não tinha dado por isso e ella, embalando-o com cantigas, leva-o lá dentro porque o rapaz está muito alito.

Novamente se ouve gritar pelo Selvagem e principia o terceiro acto que se passa num terceiro andar.

A mãe do Robles morreu com o tiro dos quarenta contos e o Judicibus vem dizer que o melhor é ir para a Africa porque em Lisboa está muito frio. A viscondessa de São Mota vem dizer ao Robles que o marido dela não se importa e quer por força levá-lo para os Olivais. Aparece o Dinis que já tráz a casaca disfarçada em casaca de peles e diz que o escudo está a 940 brasileiros e que um leão alado acaba de comer uma pessoa de familia dos Ouriques quartelada em timbre nas caravelas da divisa. Parece que aquillo é uma coisa para fazer arrelhar o Robles porque este quer bater-lhe e a D. Julieta aparece a dizer que precisa de dinheiro (nesta peça anda tudo muito atrapalhado com massa) e depois de levantar dez vezes as sobranceiras diz que vai casar com o Judicibus, coisa que dá grande surpresa porque ninguém sabia. O Robles fica danado, acende um cigarro e sáfa-se. Orita tudo outra vez Selvagem e o Robles zanga-se muito porque julga que é com elle.

BOECIO.



ESTA ABERTA A SESSÃO!

OU

UM POR TODOS E TODOS POR UM

Era uma questão séria aquela que se ia tratar na assembleia geral da A. C. O. S. T. N. V. T. (Associação de Classe dos Operários Sem Trabalho Nem Vontade de Trabalhar). Tratava-se nem mais nem menos de fazer um novo horário de salários e por isso os operários a quem fazia muita falta perder meio dia, tinham faltado a semana toda só para vir à assembleia.

A mesa da presidência já estava constituída.

Parque Eduardo VII pelo amor que tem tomado à nossa causa! Mais: Requeiro que a nossa Associação vá junto do governo pedir para ser levada a efeito a suprema aspiração dos camaradas do Parque Eduardo VII a qual consiste num simples automóvel para cada um dos camaradas!

O requerimento é aprovado por unanimidade e então o Francisquinho o celebre Francisquinho do Beco do Cascalho, muito entendido em

rebrantar quanto antes, por que o João Molna que está amigado com a filha do Alfredo da Tenda, deu-me ontem um enxerto e como eu não posso com ele sozinho, vocês tem que dar uma dianteira, porque o gajo é burguês!

Nesta altura a assembleia principiava dando manifestos sinais de impaciência, enquanto o Francisquinho continuava:

— Povo trabalhador! E a ti que me dirijo! O gajo deu-me um tapa-olhos que eu fiquei a zênr! E o gajo é burguês!

— Que estilo é aquê! — perguntou um membro da assembleia a outro.

— Sei lá! Se calhar é o tal estilo manuelino de que falam os jornais! É o Francisquinho seguiu sempre:

— É preciso mostrar a esses malandros a força do proletariado! Camaradames! Ajudem-me a dar cabo daquê gajo com três caldos bem puxados! Olhem que o gajo é burguês!

— Peço a palavra para um requerimento urgente — disse o Come e Dorme.

— Tem a palavra o illustre camarada!

— Acho que o camarada Francisquinho está fóra dos institutos!

— Oh!

— Sendo a nossa associação a Associação de Classe dos Operários Sem Trabalho Nem Vontade de Trabalhar, o apelo dos três caldos está fóra dos institutos!

— Sou muito homem para lhe dar um tento — acudiu o Francisquinho fóra de si e em cima do outro.

— A mim?

— Ordem! Ordem!

— Pére lá que aquê gajo tem que beber!

— Então não bebes!! Seu "amarelo".

— Ordem! Ordem!

O RISO DA VITORIA

— Ordem! Ordem!
— Foi o que te valeu! comenta o Francisquinho. Se não fosse por respeito à presidência partia-te as ventas! «Amarelo».

Um continuo entra espavorido:
— A guarda republicana vem aí a cavalo pelas escadas acima da baioneta calada!

— Abaixo o militarismo!
— Abaixo!
— Viva a Rússia Vermelha!

Os guardas republicanos entram e por equívoco deixam cair as coronhas em cima de algumas cabeças.

Há encontros, gritos de ó da guarda, a presidência cheia de fé canta a Internacional debaixo da mesa. A cabeça do Come e Dorme embirra e vai meter-se mesmo debaixo da coroa duma espingarda que se tinha levantado para ver a paisagem.

Daí a meia hora no banco do hospital o Francisquinho concerta um braço que foi apalpado na refrega. A um canto o Come e Dorme de cabeça partida está muito palido sem dar nenhuma nota acordante.

— Este homem — diz o médico — não volta a si nem á mão de Deus padre!

— E como ele está palido!

— Não faça caso senhor Doutor, — diz o Francisquinho — eu sempre disse que o gajo era amarelo...

LUIS DE SOUSA.



Presidente o Armandinho da Parreira, primeiro secretário o Jorge do Castelo Pidão e segundo secretário o Joaquim da Mota o Acido Borico, tudo rapaziada fixe já com largos conhecimentos da vida, quer em Lisboa quer na Costa de África.

Nada, que esta coisa de atirar com uma classe para uma greve era coisa séria e a direcção sabia muito bem que do último movimento só em concertar cabeças se tinha gasto trezentos mil réis. Por isso quando a mesa disse: «Está aberta a sessão», um aí de amor associativo percorreu a assembleia geral.

O primeiro que pediu a palavra foi o Eleuterio da Conceição que depois de dizer: — camaradas companheiros — protestou valentemente contra o facto de o vinho ter subido de preço. — Que a comida suba acho bem, ilucidava, nem toda é obrigada a estar sempre a descer, agora o vinho, é que era um vergonha para a classe! — Apesar de livre-pensador acreditava que o vinho era sangue de Cristo e os taberneiros uns Judas, que tinham trocado os trinta dinheiros em pesetas!

Muitas palmas, apoiados e o Eleuterio da Conceição ficou todo ancho que nem um acionista do Banco Colonial.

O presidente leu um officio em que a Associação dos Grevistas Profissionais participava a sua adesão à Classe.

Um voto de louvor e o Felice Escarlata pediu a palavra para um requerimento.

Dada a palavra ao requerente, disse este:

— Requeiro que uma comissão vá cumprimentar os nossos colegas do

questões associativas, pede a palavra para tratar dos interesses da Classe.

Um frémto passa por toda a assembleia. Aquê orador era a esperança da Classe. Já tinha sido delegado da Associação em todas as enxovias do Limoeiro e era o indigitado para o sindicato da Penitenciaría.

O Francisquinho ageitou as me-las, puxou o cós das calças e principiou:

— Camaradame! Intrupêça-me a voz nos gargomilos e é bastante á rásca que uso da palavra! Agajada não pode aguentar que se faça pou-



co dela! E preciso que a gente se una numa trupe e vá partir as ventas ao governo!

— Apoiado! Apoiado!
— Esta coisa do sóblét tem que

— Camaradas! Vejo-me obrigado o fechar a sessão, grita o presidente!

— O melhor é fechar a porta porque os gajos pegam-se e vem aí a oolícia!



AOS VATES CONCURSO DE VERSOS ESTÚPIDOS

Continua em pleno exito o nosso concurso! A esla redacção chegam em catadupas as cartas dos concorrentes com quadras-candidatas.

Depois do concurso para reitor da Universidade e para os lugares de directores gerais, é sem dúvida o CONCURSO DE VERSOS ESTUPIDOS o que tem feito mais successo em Portugal!

CEM MIL RÉIS PARA A QUADRA MAIS ESTUPIDA! CINQUENTA PARA A IMEDIATA!

À UNHA POETAS DE PORTUGAL!!!

Mais quadras recebidas:

Há já tempo no mar alto
Tive uma grande aflicção
Foi uma dôr de barriga
Lunto mesmo ao coração!

Holnatre

NO CLUB



O teu Alfredo está agora no Banco Inglês?
Não! Agora está na Banca Francesa!

Meu amor chama-se Carlos
Da Silva Temudo Lucar
É empregado há seis anos
Na refinação de açúcar.

J. Caetano A.

Já bateu o meio dia
Um mocho ao longe a piar!
Manteiga, açúcar, pevides
E um minuete de Mozart.

Oldegundes Farinha

Há sete estrelas no céu
Há sessenta e nove em terra
Há dúzias de chapéus
Há ainda gente que berra.

Emílio Braga Júnior

Navegava nos teus cabelos
Mas com medo de me afogar
Quando cheguei aos cotovelos
Já não podia respirar!

Macário

Em criança os passarinhos
Andam pulando em ciprestes.
Teus olhos são dois ninhos
Em noites feias e agrestes!

Sally

Tens morena o mau costume
De pôr cravos á janela
Vai á rua "enxota o pinto"
Mete a couve na panela.

Raglij

Menina da minha igualha
Tenho por si grande amor
Que o diga a minha toalha
A que limpo tanta dôr.

Arminda Roque

Dá cá um cigarro João
Já que não tenho nenhum
É uma obra de caridade
Catachim, catachim, pum pum!

Alonso

Este tinteiro encarnado
Mais esta pena vermelha
Foram causa involuntária
Duma péga de cernelha!

Manecas

Quando me levanto
Ponho-me logo a pensar,
E assim passo o dia
Até que me vou deitar.

Manuel Borges

Dizem que vimos de França
Os que não são patriotas
Para lá é que exportamos
As batatas sem batotas!

Aí vai uma "besteira",
Pra quem souber o que é.
Uma cobra cuspidora
Enguliu um jacaré.

Cariota

Canta o burro e zurra o galo
Chilra a vaca e miuge o rato
Pia a mosca e zumba o pinto
Mia o cão e ladra o gato.

Albertina Tavares

Uns há que dizem Cúido
Outros há que dizem Cúpido
O meu papel está cumprido
Aqui está um verso estúpido.

Marta Santos

Não quero nem a brincar
Dizer adeus a ninguém
Pode a bela se zangar
E gritar: — Oh! Minha mãe!

A. Costa

Um caracol se tem olhos
Acompanha uma criança
Fruta verde e fruta seca
Só há na Penha de França.

Maria Salom!

Casando chio donzela
Filha dum dos ricos novos
O pai deu-lhe um pacotinho
Com açúcar e dois ovos.

Horácio Ribeiro

N'uma matinée de dia
Um leopardo a cantar
Fazendo versos a uma péga
Assim vamos começar.

Manuel Alves

Deu-me um sono no nariz
Pesquei enguias no Minho
Com a terrina dos meus óculos
Fui ao colo do Chiquinho.

Fernanda Maria

PREVENIMOS QUE O CON-
CURSO SE ENCERRA NO DIA 30
DE JANEIRO. QUEM FOR ESTU-
PIDO E QUEIRA CONCORRER
NÃO PODE AVANÇAR ALÉM
DESSE DIA.

AVANTE MOCIDADE INTE-
LECTUAL!

AO CONCURSO TALENTOS DE
PORTUGAL!